

## REFLEXÕES SOBRE A PEDAGOGIA DE SEBASTIÃO DA GAMA

Nesta evocação de Sebastião da Gama já vimos como a sua vida e a sua obra poética foram pedagogia. Compete-nos agora relacionar a sua obra de pedagogia com o domínio restricto da Escola, onde também se exerceu.

A maneira como chega até nós é através do seu *Diário* onde foi escrevendo e meditando o seu quotidiano de professor de adolescentes o que é revelador da feição da sua pedagogia escolar: não se reflete num ensaio ou em relatórios, mas no diálogo que o professor estabelece consigo próprio no exercício da sua função.

A sua leitura abre-nos um espaço para um diálogo acerca das preocupações várias que a instituição Escola hoje suscita: a confusão que se vive entre Família e Escola no sentido de aquela pedir a esta que seja um espaço afectivo e promocional – o que está certo – mas num grau tal, que toca as raias da substituição. Dizem os sociólogos que esta exigência não provém tanto da apregoada falta de tempo dos seus componentes adultos, mas da má consciência que estes têm da sociedade que vão construindo; outro factor que atrapalha a vida da Escola e a sua definição, é a oscilação em que ela se encontra, entre ser uma instituição de ensino e educação, com os seus métodos próprios e objectivos específicos – ensinar a aprender, ensinar conteúdos formais e concretos, exigir esforço e disciplina – e o deixar «entrar a rua», numa falsa noção de democracia, porque sendo esta, ou desejando-se que seja o regime da competência, não faz muito sentido que sejam hoje chamados para as Assembleias de Escola representantes das autarquias e ou representantes de instituições locais, que na maior parte dos casos sustentam noções e exigências pedagógicas pouco avisadas, por incultura; ou ainda, o excesso de saída para o exterior, com o uso dos inquéritos de rua, levando os educandos a colher informações vulgares junto de transeuntes incautos, quando há tanto pensamento estruturante e estruturado nas bibliotecas, museus, laboratórios, etc. É certo que há a pretensão do tratamento de dados, mas esse tratamento é mais do âmbito do ensino superior do que do ensino básico, - aqui o nível etário terá capacidades para outras tarefas, mais apropriadas ou úteis para o seu desenvolvimento e visão do mundo; outra oscilação que reveste maior acuidade e que advém também duma característica do nosso tempo é a grande mobilidade social hoje possível pela rapidez da permeabilidade social e dos

movimentos migratórios que trazem para os bancos da mesma sala de aulas, culturas tão diversas que dificultam a transmissão do ideal democrático que hoje se pretende, e muito bem, seja o ideal da Educação.

De igual modo a feição que o Saber hoje tem, perturba a Escola e quem a frequenta, sobretudo, o lado docente. Cada vez mais especializado e minucioso, também no que toca ao domínio da Pedagogia, o vemos desintegrar-se, multiplicando-se ou dividindo-se em princípios metodológicos e teóricos, que se por um lado são resposta a problemas socio-culturais, por outro, caem no campo dos vanguardismos propostos normalmente em teses de doutoramento, em língua anglo-saxónica de preferência, profusamente ilustrados com tabelas, gráficos, curvas e outros crochets que os governos – responsáveis pelas políticas educativas - aceitam acriticamente e lançam sobre as Escolas com uma incrível rapidez, vendo-se depois obrigados a ajustes, cortes, correcções com prejuízo das gerações. Ainda há dias, José Mattoso, num interessante artigo no *Público*, sobre o ensino básico em Portugal, aponta para o peso que no Ministério da Educação vêm tendo os pedagogos tecnológicos que preocupando-se sobretudo em ensinar a ensinar, vão esquecendo o concreto da vida dos destinatários da educação que um dia vão ser chamados ao exercício de funções em que o saber e o rigor são precisos e a que não foram sujeitos aquando estudantes.

Estas reformas e estes contributos académicos caem de rompante nas escolas, tal como as exigências das famílias e das mutações sociais deixando os professores desorientados. São duras as condições da vida profissional dos professores e duras a ascensão e a manutenção do seu estatuto. Sobre os professores avançam os imperativos da formação para as promoções de carreira, e estas formações são, muitas vezes, burocráticas, desconexas e inúteis para o âmago da sua profissão.

Estes e outros problemas iluminam-se quando lemos o *Diário* de Sebastião da Gama. Ele fornece-nos pontos de referência para pensarmos a situação em que nos encontramos. A sua leitura é como um passeio de barco num lago tranquilo em que a brisa da nossa deslocação provoca, refresca as nossas mentes e tonifica as nossas esperanças. É que a sua leitura leva-nos ao essencial da tarefa da educação: no dizer de Fernando Savater, no seu livro *O Valor de Educar*, esta «é o reconhecimento do humano pelo humano», e é esta preocupação que encontramos na pedagogia de Sebastião da Gama; e, por outro lado, verificamos que nessa tarefa altruísta e generosa, dirigida aos educandos, o vértice essencial da relação que se estabelece é afinal o professor, porque a

profissão de professor que hoje não se desliga da de educador, é a única profissão em que não há a dissociação entre a vocação original do ser humano e a função social que representa. A vocação original do ser humano é ser... não isto ou aquilo, ao deus dará, mas ser «si mesmo», responsabilmente. Por isso a vida humana é sempre ética. Nas páginas do *Diário* perpassam, entre tantas outras, duas preocupações de Sebastião da Gama: a atenção em Ser e a preocupação em Ensinar: «Ensinar e Ser, mas antes de tudo Ser (...)», escreve a dado passo, para depois concluir: «A vida do professor deve ser tanto quanto possível, luminosa e branca. Mais do que não ser ignorante, importa não ser mau, nem desonesto, nem impuro (...)» demonstrando o desejo de autenticidade e a procura da fidelidade a ela. «O que eu quero, é que os rapazes vivam felizes (...), escrevera ainda: ora nós sabemos que “a felicidade, esse impossível necessário”, no dizer do filósofo, consiste no encontro consigo próprio, como o desencontro provoca a frustração. A presença de Sebastião da Gama, atento em Ser, junto dos alunos com o objectivo de despontar neles a compreensão de si próprios e a esperança em si mesmos, fazia-se à base da sedução que a exemplaridade produz e do cuidado que punha em potenciar as qualidades de cada um. Que maneira melhor para ajudar que cada um se encontre e se adivinhe e se compreenda? Vemos que a sua actuação pedagógica se orienta pelos casos de cada aluno em concreto que ele atendia com uma capacidade notável de observação empática que o levava ao mistério da compreensão procurada, muitas vezes tacteada e outras abortada. A relação inter-individual assim estabelecida entre ele e os seus alunos, orientada por estes parâmetros de verdade, permitiam-lhe ensinar não apenas a construção das suas personalidades, como despertar o entusiasmo pelo saber, a alegria da descoberta e da criação. São interessantíssimas as suas aulas em que ele humaniza o saber. Por exemplo, o modo como ensina os *Lusíadas*: ao mesmo tempo que ensina a gramática – tão importante para a língua -, chama a atenção para as capacidades humanas que eles revelam: audácia, responsabilidade, capacidade de realização, tenacidade, temor, etc.; quando faz ler as fábulas de Esopo, ensina o respeito pelos animais; outras aulas há, em que faz observar regras de convívio em que a expressão de cada aluno seja também proposta para a promoção dos companheiros e assim sucessivamente. Existe na pedagogia de Sebastião da Gama, o intuito de educar os sentimentos como base do carácter: a generosidade, a coragem, a solidariedade, a lealdade activa, como ele diz, a lealdade consigo próprios e com os outros.

A pedagogia de Sebastião da Gama não se esgota: dela tiram-se várias lições. Uma poderá ser que a verdade não se herda, mas conquista-se, pois nele não se vê a submissão à realidade exterior, à cultura recebida, mas a elaboração mental que o leva a ter uma visão própria do que quer e do que é; outra será, que há que potenciar as qualidades dos outros para que sejam eles próprios e que isso só se consegue, quando se faz isso em si próprio. Quando estava a preparar estas palavras, li por acaso um verso de António Machado que se aplica a este aspecto da pedagogia de Sebastião da Gama: «El ojo que ves no es / ojo porque tú lo veas; / es ojo porque te ve.»

Outra lição será ainda, que na política da Educação é fundamental a formação do professor, mas não apenas a formação técnica, mas a formação humanística que anda hoje, por virtude das coisas, um pouco esquecida.

Da leitura atenta que Jesus Herrero fez do seu *Diário*, no seu livro *Pedagogia de Sebastião da Gama – O Diário à Luz da Psicopedagogia*, Ed. «O Livro», de que vai sair a 3ª edição brevemente, extraem-se pontos essenciais desta pedagogia que o autor deste estudo chamou “regras de ouro” da pedagogia: a relação inter-individual mestre-aluno, base para a descoberta pessoal do aluno, com a exigência da liberdade psico-social e a relação convivencial que permitem “o reconhecimento do humano pelo humano”.

Tiveram os alunos de Sebastião da Gama a felicidade de contactar com ele, directamente, através da cultura da oralidade; temo-la nós, essa felicidade, através da cultura de literalidade como hoje se diz. Não tivemos o seu convívio alegre e fecundo, mas por isso mesmo, circunstancial e efémero; mas temo-lo com maior autenticidade, talvez, porque não nos é imposto, somos nós que o procuramos, a partir das nossas perguntas e da nossa solidão que é o lugar privilegiado da nossa verdade pessoal.

MARIA TERESA PIMENTA

Conferência proferida na Escola Superior de Educadores de Infância. 1990